

LER, ESCREVER, CONTAR, REZAR OU MUITO ALÉM? SABERES PRESCRITOS E PRATICADOS EM ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS NO BRASIL (1875 – 1942)

TERCIANE ÂNGELA LUCHESE*

RESUMO

A emergência de escolas marcadamente étnicas por imigrantes saídas da península itálica e estabelecidas no Brasil entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, sensibiliza para pesquisar o que se ensinava nesses espaços de escolarização, quais saberes eram prescritos e quais foram trabalhados pelos professores. O recorte temático do presente texto é parte de projeto de pesquisa intitulado “História das Escolas Étnico-Comunitárias Italianas no Brasil (1875 – 1945)”. As formas de organização das escolas étnicas variaram no tempo e no espaço e compreender os saberes prescritos e aqueles realmente trabalhados nas aulas é possível considerando-se uma diversificação da base documental constituída por materiais didáticos, como livros, além de fotografias, correspondências, relatórios, livros de atas, jornais, dentre outros. Esse corpus documental é analisado à luz dos referenciais da História Cultural. O texto procura contribuir para a compreensão da multiplicidade de processos de escolarização no Brasil, atentando especialmente para os saberes, considerando sua diversidade étnica e cultural.

Palavras-chave: Cultura escolar e saberes; Escolas étnicas; Imigrantes italianos e descendentes.

ABSTRACT

READING, WRITING, TELLING, PRAISING OR FAR BEYOND? PRESCRIBED AND PRACTICED KNOWLEDGE IN ITALIAN ETHNIC SCHOOLS IN BRAZIL (1875 – 1942)

The emergence of ethnic schools constituted mainly by immigrants from Italy, established in Brazil between the end of the nineteenth century and first decades of the twentieth, leads to research about what was taught in these school spaces, which was the prescribed knowledge, and what was exactly the teacher's job in this sense. The thematic approach of this text is part of the research project titled

* Doutora em Educação – Currículo, Cultura e Sociedade pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora da Universidade de Caxias do Sul – UCS, sendo Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado e Doutorado em Educação – PPGEduc/UCS. Pesquisadora PQ 2 CNPq. E-mail: taluches@ucs.br

“History of Ethnic – Communitarian Italian Schools in Brazil (1875 – 1945)”. Forms of organization of ethnic schools varied along time and space; to understand prescribed knowledge and what was really done in class is possible if we consider diversification of documentary base constituted by didactic material, as books, photographs, letters, reports, minute books, newspapers, among others. This documentary corpus is analyzed according to Cultural History references. The aim of this text is to contribute for the comprehension of the multiple schooling processes in Brazil, taking into account knowledge, considering their ethnic and cultural diversity.

Key words: School culture and knowledge. Ethnic schools. Italian Immigrants and descendants.

Considerações iniciais

A emergência de escolas marcadamente étnicas por imigrantes saídos da península itálica e estabelecidos no Brasil entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, sensibiliza para pesquisar o que se ensinava nesses espaços de escolarização, quais saberes eram prescritos e quais foram trabalhados pelos professores. Essas questões constituem o recorte temático do presente texto que resulta de projeto de pesquisa intitulado “História das Escolas Étnico-Comunitárias Italianas no Brasil (1875-1945)”.

As escolas étnicas italianas foram organizadas a partir da ausência de um sistema escolar público no país, ou seja, como resposta a uma necessidade. As formas de organização das escolas étnicas variaram no tempo e no espaço e perseguir os indícios que foram preservados para compreender quais saberes foram prescritos e quais foram os realmente trabalhados nas aulas é possível considerando-se uma diversificação da base documental constituída por materiais didáticos, especialmente livros enviados pelo Governo Italiano mas também aqueles impressos no Brasil, fotografias, correspondências, relatórios, livros de atas, jornais, dentre outros. Esse corpus documental é analisado à luz dos referenciais da História Cultural.

O texto está organizado em duas partes: na primeira, a relação entre processo migratório italiano e escolarização no contexto brasileiro, na segunda, os saberes ensinados nas escolas étnico-comunitárias italianas – rurais e as de Associações de Mútuo Socorro.

1 – A imigração italiana e os processos de escolarização

A imigração italiana, conforme diversos estudos¹, deu-se em decorrência dos processos de transformação capitalista que ocorriam na península itálica e também no Brasil. E, nesse cenário de colonização de áreas devolutas de terras ou substituindo a mão-de-obra escrava ou mesmo assumindo atividades urbanas, esses imigrantes se defrontaram com a precariedade do sistema público escolar brasileiro. Poucos anos após seu estabelecimento no Brasil, diversas foram as iniciativas desses imigrantes na organização de escolas étnico-comunitárias, mesmo que a maioria tenha sido efêmera². Desde o final do século XIX, em relatórios consulares, encontram-se registros que retratam a situação das colônias, dos imigrantes e descendentes, mencionando a falta de escolas e a necessidade do governo italiano intervir, passando a apoiar a educação, enviando livros e material escolar. Certamente transparece a perspectiva de manutenção dos laços culturais com a Pátria-mãe, a Itália, através do ensino escolar.

Como apontam estudos anteriores de Luchese (2007) sobre o Rio Grande do Sul, de Mimesse (2010) e Corrêa (2000) sobre São Paulo, de Maschio (2012) sobre o Paraná, de Gomes (2009) sobre Minas Gerais e de Pagani (2012) sobre o Rio de Janeiro, os imigrantes italianos e seus descendentes, em diferentes contextos e condições de ocupação, buscaram e valorizaram a escolarização.

Diferente do que consta em várias bibliografias, percebe-se que os imigrantes italianos não eram todos analfabetos, mas que os níveis de alfabetismo variavam em conformidade com a região de proveniência. Para exemplificar, consultando o primeiro recenseamento realizado nas Colônias Conde d'Eu e Dona Isabel, no Rio Grande do Sul, no ano de 1883, percebe-se que especialmente homens, declararam em sua grande maioria serem alfabetizados, perfazendo uma média de 74% dos homens adultos. Giron (1998, p. 90), informa, a partir do Levantamento dos Mapas Estatísticos da Colônia Caxias que "63% dos imigrantes de sexo masculino sabiam ler, enquanto apenas 37% das mulheres eram alfabetizadas."

¹ Azevedo (1975), Adami (1971), Caprara e Luchese (2005), Luchese (2009), Costa (1992), De Boni (1985, 1987), Franzina (2006), Lorenzoni (1975) e Manfrói (1975) são relevantes.

² Sobre as iniciativas escolares entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, por exemplo, veja-se Luchese (2007), Ribeiro (1990) e Giron (1998).

Em 1908, o conde De Velutiis, cônsul no Rio Grande do Sul, descreveu e definiu as escolas italianas no Brasil afirmando que nas áreas urbanas e sedes coloniais as escolas eram mantidas ou surgiam sob a liderança das Associações Italianas, que forneciam o local, os móveis e utensílios necessários. Nas colônias, entre as linhas que não contavam com escolas públicas, os imigrantes procuravam sustentar as próprias custas, uma pequena escola para seus filhos, sob a responsabilidade do colono mais instruído do lugar. (DE VELUTIIS, 1908, p. 348).

Podemos agrupar em três as tipologias de escolas frequentadas por imigrantes italianos e descendentes: escolas étnico-comunitárias, públicas e confessionais. As escolas étnico-comunitárias podem ser diferenciadas. As escolas étnicas mantidas pelas Associações de Socorro Mútuo, de modo geral estabelecidas nas áreas urbanas, estavam mais vinculadas ao Governo Italiano, através dos cônsules. Foram escolas que chegaram a receber professores enviados da Itália e tinham currículo diversificado e material didático próprio, recebido do consulado. Aquelas escolas que surgiram nas áreas rurais foram sustentadas exclusivamente pelos próprios pais e comunidade que criava essas “aulas” onde o professor era pago para que ministrasse os conhecimentos básicos na leitura, escrita e cálculos, e na maioria das situações, também o catecismo. O professor era escolhido dentre os integrantes da própria comunidade.

Essas iniciativas foram muito comuns no interior das colônias. Diversos foram os casos em que as famílias de imigrantes uniram-se para empreenderem em mutirão a construção da escola, geralmente uma pequena casa de madeira rústica, apesar de, nos primeiros tempos estas aulas terem funcionado na própria casa do professor ou na casa das crianças. Já nas primeiras décadas do século XX estas aulas foram desaparecendo pela dificuldade dos pais manterem o investimento (em especial pelo elevado número de filhos), pelo crescimento de ofertas de escolas de outras modalidades ou pela própria desistência do professor mediante parcas remunerações (o que por vezes era feito em espécie – feijão, trigo, milho...).

A dificuldade para organizar o ensino primário nas colônias e, posteriormente, nos já municípios, manteve-se por muitos anos. A distância da zona rural e a falta de meios de transporte isolavam algumas comunidades que, organizando-se por conta própria, já no final do século XIX, começaram a solicitar professor pago pelo governo.

A partir de meados de 1890 houve grande crescimento nas iniciativas de entrada e instalação de congregações religiosas em diversos estados. No caso do Rio Grande do Sul, especialmente nas regiões em que se estabeleceram imigrantes italianos, foram inúmeras as congregações que investiram na construção de seminários, noviciados, juvenatos e escolas. As escolas confessionais mantidas por Congregações diversas, promoveram e disseminaram o ensino e a religião católica. Constituíram escolas importantes, de boa qualidade, com currículos diversificados, atendendo principalmente os filhos das famílias mais abastadas.

Por fim, as escolas públicas mantidas e disseminadas pelos governos municipais e estaduais. Uma política de expansão da escola pública que no Rio Grande do Sul teve repercussão foi a subvenção – ou seja, o pagamento de um valor aos professores para que ensinassem em português. Entre as décadas de 1910 e 1940, houve um processo crescente para a implementação de escolas isoladas públicas, com investimentos em escolas municipais e ampliação das subvenções. As étnico-comunitárias foram diminuindo progressivamente no período e os colégios confessionais expandiram-se. A partir dos anos de 1920, especialmente, a organização e implementação de escolas municipais foi crescente. Autoridades públicas passaram a preocupar-se com a formação e aperfeiçoamento docente, a regulamentação das inspeções, os currículos, os espaços e tempos escolares. Portanto, a Igreja, juntamente com o Estado, assumiu a liderança em se tratando da expansão da escolarização entre imigrantes italianos e descendentes.

2 – Saberes ensinados nas escolas étnico-comunitárias rurais e de Associações de Mútuo Socorro

Na perspectiva de Forquin, a transmissão de saberes seria o que a escola melhor poderia fazer e a “[...] sociedade tolera melhor que ela faça, e que ninguém faz melhor do que ela, ainda que se possa muito bem imaginar outros canais [...]” (1993, p.65). Dessa forma, pensar a escolarização dos saberes subsidia pensar as práticas escolares, na medida em que a escola se apropria do já estabelecido, escolarizando-o, conforme Hébrard:

Aprender a ler-escrever-contar supõe ao menos um tempo e um espaço específicos, com frequência uma pessoa em quem se reconhece a capacidade de instruir e a quem se

remunera, enfim, os instrumentos sem os quais a transmissão não poderia ter lugar (HÉBRARD, 1990, p. 68).

Assim, a escola, tomando para si essa condição, torna-se a instituição encarregada das primeiras aprendizagens. Os saberes buscados pelos imigrantes foram os elementares, entendidos como “[...] instrumento necessário para a gestão de sua vida e de suas ocupações, por mais comuns que fossem” (HÉBRARD, 1990, p. 65). Esses saberes elementares, na prática escolar cotidiana, parecem ter sido os mais presentes nas escolas étnico-comunitárias rurais. Ademais, a falta de formação da maioria dos professores e a média de tempo de permanência dos alunos na escola permite inferir que os conhecimentos básicos do ler, escrever e calcular foram os mais trabalhados.

Quando pensamos as escolas étnicas vinculadas às Associações de Mútuo Socorro, temos outros saberes a serem ensinados. No mês de julho de 1904, foram feitos vários anúncios pela Sociedade Príncipe de Nápoles, de Caxias (RS) acerca do funcionamento da nova escola italiana, que funcionaria em sua sede. Era destinada aos meninos e teria como professor titular o italiano Umberto Ancarini. Publicava também as disciplinas a serem ministradas:

Escola Italiana Príncipe de Nápoles. A partir do endereçamento do Cav. Enrico Ciapelli, Cônsul da Itália, que tanto preza em seu coração a instituição das escolas italianas nas colônias do Rio Grande do Sul, o Governo Italiano aderindo também ao interesse da Sociedade Operária Príncipe de Nápoles que sempre procurou para instituir uma escola italiana em Caxias, que enviava como encarregado da dita escola o Prof. Cav. Umberto Ancarini. Se traz ao conhecimento dos habitantes desta vila que no próximo mês será aberta a Escola Italiana Masculina de grau inferior e superior na sede da sociedade anteriormente nominada, que com patriótico sentimento, é seu promotor. O ensinamento compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana. Língua portuguesa. Língua francesa. História Italiana e Brasileira. Geografia. Matemática. Geometria. Desenho. Caligrafia. Canto. Ginástica e exercícios militares. As inscrições dos alunos serão recebidas todos os dias pelo Sr. Mario Marsiay secretário da Sociedade Príncipe de Nápoles.³ [tradução da autora].

³ Jornal “O Cosmopolita”. Caxias, 17 de julho de 1904, Ano II, n. 108, p. 03 – seção italiana. O mesmo anúncio foi publicado novamente em 24 de julho de 1904, n. 109.

Seriam ensinados 3 idiomas, desenho, canto, ginástica, exercícios militares, entre outras matérias. Inicialmente, propunha o ensino apenas para meninos mas, no ano seguinte, a esposa de Ancarini assumiu, como ele mesmo noticiou, que a “[...] escola privada italiana feminina, foi aberta em sua própria residência pela senhora Iró Ancarini, e conta já, após 3 meses, com 18 alunas, pertencentes às melhores famílias locais.” (ANCARINI, 1983, p. 57).

Em fins de julho de 1904, novos anúncios. Agora eram noticiados também os valores a serem pagos bem como os diferentes graus de ensino:

Sociedade Operária de M. S. P. de Nápoles. A Sociedade traz ao conhecimento dos sócios e dos habitantes de Caxias que no dia 8 de agosto próximo será aberta a Escola Masculina, dirigida pelo Prof. Cav. Umberto Ancarini. O ensinamento na dita escola será de grau inferior e superior compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana, portuguesa e francesa - História Italiana e Brasileira - Geografia - Matemática - Geometria - Desenho - Caligrafia - Canto - Ginástica e exercícios militares. A taxa mensal a pagar-se é a seguinte: 1ª. Classe Elementar - Rs. 1\$500 por filho dos sócios e 2\$ para os não sócios. 2ª. Classe Elementar - Rs. 1\$500 por filho dos sócios e 2\$ para os não sócios. 3ª. Classe Elementar - Rs. 2\$000 por filho dos sócios e 2\$500 para os não sócios. CURSO SUPERIOR - Preços a serem combinados com os pais segundo o curso. Quanto antes, será aberto um Curso Noturno para os adultos com ensino das seguintes matérias: língua italiana, gramática, aritmética e caligrafia. A taxa mensal pelo ensinamento, que será ensinado três vezes por semana, em dias que serão combinados, é de Rs. 2\$000; e para aqueles que desejam também aprender Desenho, a taxa será de Rs. 3\$000. As inscrições são recebidas todos os dias pelo Secretário da Sociedade. Caxias, 26 de julho de 1904. Giuseppe Chiaradia - Presidente. Mario Marsiay - Secretário.⁴ [tradução minha].

Além da aula diurna foi oferecida outra oportunidade para aqueles que não haviam se alfabetizado: o ensino noturno para adultos. Chamam atenção, também, as matérias a serem ensinadas, incluindo o desenho e o ensino de três idiomas – o italiano, o

⁴ Jornal “O Cosmopolita”. Caxias, 31 de julho de 1904, Ano II, n. 110, p. 03 – seção italiana. Na mesma data, na p. 04, publicam outra nota nos mesmos termos, falando sobre a Escola Masculina, as disciplinas a serem ministradas e ressaltando que as inscrições estavam abertas.

português e o francês. Em início de agosto, a Sociedade publicou novamente anúncio sobre o Curso Noturno:

Sociedade Operária Príncipe de Nápoles. Quanto antes, será aberto um Curso Noturno para os adultos com ensino das seguintes matérias: língua italiana, gramática, aritmética e caligrafia. A taxa mensal pelo ensinamento, que será ensinado três vezes por semana, em dias que serão combinados, é de R\$. 2\$000; e para aqueles que desejam também aprender Desenho, a taxa será de R\$ 3\$000. As inscrições são recebidas todos os dias pelo Secretário da Sociedade. Caxias, 26 de julho de 1904. Giuseppe Chiaradia – Presidente. Mario Marsiy – Secretário.⁵ [tradução minha].

Para os adultos mais pobres, que desejaram aprender a leitura, houve oportunidade também. As aulas foram dadas em sábados e domingos. Ancarini ensinou a leitura da língua italiana, conforme o anúncio:

Sociedade Operária Príncipe de Nápoles – Caxias. A Sociedade traz para o conhecimento dos sócios e não sócios que o prof. Cav. Umberto Ancarini nos dias festivos dará **gratuitamente** na sede social um curso de leitura de língua italiana para os adultos. As inscrições serão recebidas no endereço abaixo nominado. Caxias, 20 de agosto de 1904. Mario Marsiy – Secretário.⁶ [tradução minha].

Relatando sobre o que era ensinado na Sociedade Italiana Umberto I, no ano de 1905, em Juiz de Fora (MG), Gomes (2009) afirma que ensinava-se Italiano, Francês, Geometria, Geografia, Aritmética, Caligrafia, História Antiga e Moderna. Novamente, um conjunto de disciplinas mais ampliado do que aquele que as escolas étnicas rurais.

Percorrendo os relatórios consulares é possível encontrar referência ao que era esperado que se ensinasse nas escolas italianas. Legrenzi, por exemplo, em 1896 relatava que 53 professores eram subsidiados no Rio Grande do Sul, num total de 12 mil libras anuais. Ademias, afirmava que

⁵ Jornal “O Cosmopolita”. Caxias, 06 de agosto de 1904, Ano III, n. 111, p. 03 – seção italiana.

⁶ Jornal “O Cosmopolita”. Caxias, 27 de agosto de 1904, Ano III, n. 114, p. 04 – seção italiana.

[...] o governo envia anualmente uma leva de textos escolares os quais sob os trâmites dos agentes são distribuídos entre os alunos mais necessitados das nossas escolas. As escolas são supervisionadas pelos agentes com frequentes visitas e pelas sociedades de beneficências locais; cada professor deve periodicamente prestar contas ao régio consulado do andamento da escola a ele confiada. Os subsídios aos professores são pagos, semestralmente. [...] São destinados subsídios governamentais somente aos professores que tenham a escola aberta ao menos a um ano, ensinam em língua italiana, enviam ao régio consulado relatórios periódicos e tenham tido no ano uma frequência superior a dez alunos. Nas escolas subsidiadas o ensino é dado exclusivamente em italiano sobre as seguintes matérias: leitura e escrita, gramática italiana; primeiras operações de aritmética; história, especialmente italiana; geografia italiana; geografia americana. Na inscrição dos alunos não se considera nem a nacionalidade e nem a religião. Além dessas, existem em vários centros habitados outras escolas não subsidiadas e mantidas pelos compatriotas ou pelas sociedades filantrópicas. Elas seguem, em grande parte, os programas escolares do reino (LEGRENZI, 1896, p. 86-87).

Os indícios apontam para um conjunto ampliado de disciplinas a serem trabalhadas e de saberes em níveis mais aprofundados e complexos quando se trata das escolas étnicas mantidas pelas Associações de Mútuo Socorro, que contavam, em alguns casos, também com professores especificamente contratados para ensino do português e com material didático enviado pelo Governo Italiano.

Considerações Finais

Analisando a documentação observa-se, com relação aos saberes ensinados nas escolas mantidas pelas Associações de Socorro Mútuo que o currículo era amplo, com ensino de língua italiana, francesa e portuguesa, além da história italiana e brasileira, geografia, matemática, geometria, desenho, caligrafia, canto, ginástica e exercícios militares. A circulação de livros e alguns outros materiais escolares também era mais frequente. A duração temporal das escolas italianas mantidas pelas associações de Mútuo Socorro também foi por um lapso temporal maior.

No caso das escolas étnicas rurais, o trabalho pedagógico estava mais relacionado com o ensino das noções rudimentares da leitura, escrita, operações fundamentais e catecismo. Em alguns

momentos puderam contar com os livros distribuídos pelo consulado italiano. Essas escolas, vistas de um modo geral, como espaço privilegiado para a manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes, por cônsules e autoridades italianas, exerceram múltiplos papéis, para além da difusão do sentimento de italianidade.

Pode-se concluir que a maioria das escolas italianas foram efêmeras, tendo sido, em sua maioria, escolas em que saberes rudimentares de leitura, escrita, operações matemáticas fundamentais constituíram a base do que era ensinado, além do catecismo. Foram escolas que majoritariamente estavam localizadas em áreas rurais, perdurando conforme a necessidade das famílias da comunidade, com professores que assumiam a função mediante a necessidade e que ensinavam o que e como podiam.

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1970*. 2 ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A Itália e o Rio Grande do Sul*, IV. Porto Alegre: EST, 1983, p. 57.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação / Instituto Estadual do Livro, 1975.

CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. *Da Colônia Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves – 1875 a 1930*. Bento Gonçalves: VISOGRAF; Porto Alegre: CORAG, 2005.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Conviver e sobreviver: estratégias educativas de imigrantes italianos (1880 a 1920)*. (Tese em História Econômica). São Paulo: USP, 2000.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís A.; SALVAGNI, Nilo; GRISON, Élyo Caetano. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu*. Porto Alegre: EST, 1992.

DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985.

DE BONI, Luís A. (org). *A presença italiana no Brasil*. v. I. Porto Alegre: EST, 1987.

DE VELUTIIS, Cav. Francesco (Régio Cônsul de Porto Alegre). *O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio*,

fevereiro de 1908.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANZINA, Emílio. *A Grande Emigração – o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Tradução de Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006.

GIRON, Loraine Slomp. Colônia Italiana e Educação. In: *Revista História da Educação*. Pelotas: UFPel, n. 3, v. 2, set. 1998.

GOMES, Maysa Rodrigues. *Sob o céu de outra Pátria: imigração e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, MG, 1888 – 1912*. (Tese em Educação). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. In: *Teoria & Educação*. v. 1, n. 2, 1990, p. 65-110.

LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930*. Leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. Tese em Educação. São Leopoldo: UNISINOS, 2007, 495 fl.

LUCHESE, Terciane Ângela. *Relações de poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias Conde d'Eu, Donas Isabel, Caxias e Alfredo Chaves, 1875 a 1889*. Curitiba, PR: Ed. CRV, 2009.

MANFRÓI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MASCHIO, Elaine C. Falcade. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875 – 1930)*. (Tese em Educação). Curitiba, PR: UFPR, 2012.

MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. 2ed. São Paulo: Iglu, 2010.

PAGANI, Carlo. *A imigração italiana no Rio de Janeiro e em Petrópolis e a educação para os filhos dos imigrantes, 1875 – 1920*. (Dissertação em Educação). Petrópolis, RJ: UCP, 2012.

RIBEIRO, Liane B Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE SALVETTI, Patrizia. *Le scuole italiane all'estero*. In: BEVILACQUA Piero; DE CLEMENTI, Andreina e FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia Dell'Emigrazione Italiana*. II Arrivi. Roma, Italia: Donzelli Editore, 2009.

